

A ÉTICA DO DISCURSO DE JÜRGEN HABERMAS

*Paulo Roberto Rodrigues Nunes**

RESUMO

A ética do discurso de Jürgen Habermas. Aborda-se a origem da ética do discurso, bem como a diferença entre Habermas e Apel. Enfatiza-se a nova configuração da racionalidade no modelo kantiano. Caracteriza-se a ética a partir do paradigma da comunicação e sua dimensão intersubjetiva. De igual modo, se expressa a crítica ao projeto moderno e à racionalidade instrumental.

Palavras-chave: Ética. Discurso. Comunicação. Intersubjetividade. Razão instrumental.

Habermas como um dos maiores filósofos e sociólogos do século XX discorre em sua vasta obra também sobre a filosofia moral. Para a sua compreensão faz-se necessário entender a "mudança de paradigma" que é peculiar em seus trabalhos. Ele é um filósofo moderno que faz uma leitura crítica do projeto moderno, agora buscando novos fundamentos. Neste campo, o filósofo deixa de lado o paradigma da consciência e trabalha com o paradigma da linguagem, esta entendida na intersubjetividade, descentralizando deste modo o ego.

Jürgen Habermas juntamente com Karl-Otto Apel são os principais expoentes e os fundadores da ética da discursão: "empreendi nos últimos anos, juntamente com K-O. Apel, a tentativa de reformular a teoria kantiana da moral, tendo em vista a questão da fundamentação de normas através de meios da teoria da comunicação"¹. A ética do discurso surgiu na Alemanha dentro das décadas

* Graduado em Filosofia e Teologia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão.

¹HABERMAS, Jürgen. **Comentários à ética do discurso**. Tradução: Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. p.13.

de 60 e 70. A obra principal de Habermas sobre o assunto é: *Teorias da Verdade* (1973) e *Ética do discurso* - notas para um programa de fundamentação (1983). Contudo, Apel parece ter exposto primeiro seu pensamento em um ensaio chamado *O a priori da comunidade de comunicação e os fundamentos da ética* (1967)². É peculiar em Habermas a argumentação e para este o critério de verdade se dará dentro do consenso³ dos argumentos. Vê-se aqui que a característica da comunicação e da intercomunicação dos sujeitos. Pretende-se formular uma ética a partir daquilo que o ser humano tem de mais primordial que é a linguagem.

Tal ética pretende ser uma nova configuração do imperativo categórico de Kant. Aqui há uma mudança do paradigma da subjetividade para o paradigma da comunicação. Pizzi dirá que:

[...] a racionalidade ético comunicativa ultrapassa a filosofia da consciência, pois reúne sujeitos solidários para um consenso, não como uma exigência gramatical, mas como algo lingüística e intersubjetivamente construído⁴.

Os dois pretendem buscar os fundamentos objetivos das normas. Contudo, há uma divergência entre os dois autores, pois Apel quer uma "justificação última". Ele acredita em um metadiscurso racional que possui dimensão

²TUGENDHAT, Ernest. **Lições sobre ética**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p.173.

³Transcrevo aqui a explicação que Jovino Pizzi na nota 21 dá ao uso do termo "consenso" em Habermas: "O termo 'consenso' é um dos pilares da concepção filosófica tanto em Habermas como em Apel e, conseqüentemente, da Ética do discurso. Ele tem várias conotações e é difícil traduzi-lo univocamente. A nosso juízo, a nota que os tradutores inserem na obra de Apel, *La Transformación de la Filosofía*, p. 13, contém a riqueza do termo *Verständigung*, quando o traduzem como 'acordo', 'acordo intersubjetivo', 'entendimento' ou 'entendimento mútuo'. Por isso, consenso e acordo têm uma proximidade muito grande, pois referem-se a uma comunidade comunicativa de sujeitos que falam e agem". In:____. Pizzi, Jovino. p.34.

⁴PIZZI, Jovino. **Ética do discurso: a racionalidade ético- comunicativa**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994. p.33.

transcendente. Habermas não acredita nesta posição, pois se assim o fosse, essa posição teria um valor superior diante das outras. O nosso autor, como ele mesmo fala tem:

[...] uma visão pluralista de diversos discursos teóricos que devem na melhor das hipóteses, ser compatíveis entre si, sem porém que nenhum deles possa reivindicar uma prioridade sobre os demais⁵.

Na ética da discursão ou ética do discurso, Habermas quer mostrar que a ética pode ter uma base intersubjetiva e racional. Como um filósofo moderno, Habermas não está ligado a paradigmas metafísicos, onde se tem verdades prontas, postas para serem executadas. Segundo Jovino Pizzi:

[...] a ética do discurso é uma tentativa de superar o modelo de razão fundada numa lógica dura, que só persegue fins em função de valores particulares; ela busca também superar as formas de uma razão determinada por cosmovisões metafísicas ou religiosas de caráter puramente transcendente⁶.

Sua filosofia moral encaminha-se por meio da argumentação que deste modo nos obriga a aceitar a visão do outro. Dirá Steven Connor que "[...] o que distingue os debates contemporâneos sobre a ética do discurso dos, códigos renascentistas ou vitorianos de conduta com relação à fala é o seu sentido da centralidade e da posição do discurso⁷".

A ética do discurso será assim um consenso, um intercâmbio discursivo. Ademais, a validade pretendida e a concretização desta ética, segundo Steven Connor se dão de quatro maneiras: é necessário que todos compreendam o que está sendo dito, que seja algo verdadeiro, que o locutor

⁵Cf. HABERMAS, Jürgen. **A ética da discursão e a questão da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.23.

⁶Cf. PIZZI, op. cit., p.33-34.

⁷Cf. CONNOR, Steven. **Teoria e valor cultural**. São Paulo: Loyola, 1994. p.111.

seja sincero e que o que foi dito⁸ possua relação com o contexto social que foi dito. Uma outra característica que podemos salientar é que o consenso não pode ser algo forçado, fugindo assim da verdade e da racionalidade.

A ética habermasiana é semelhante ao imperativo categórico de Kant, pois os dois estão sob o prisma da racionalidade. Contudo, para Habermas a diferença se dá devido a uma "nova forma de consciência histórica"⁹ que se deu na transição do século XVIII para o XIX. Giovanni Reale dirá que Habermas "busca a justificação objetiva do agir prático em nome do sentido da história" e que o "fim explícitos dos trabalhos de Habermas é precisamente uma 'filosofia da história orientada praticamente' "¹⁰. Há uma "variedade de formas simbólicas"¹¹, um "pluralismo epistêmico"¹² e um "pluralismo cultural"¹³, onde as diversas interpretações são evidentes. Habermas afirma que:

[...] uma espécie de pluralismo interpretativo afeta a visão de mundo e a auto compreensão, bem como a percepção dos valores e dos interesses de pessoas cuja história individual tem suas raízes em determinadas tradições e formas de vida e é por elas moldada¹⁴.

À semelhança de Kant, Habermas acredita na universalização: "a intuição que se exprime na idéia da possibilidade de universalização das máximas quer dizer mais do que isso - as normas válidas têm que merecer o reconhecimento por parte de todos os concernidos"¹⁵. Ademais, aqui o diálogo tem dimensão peculiar. Pois, por meio deste, cada indivíduo tem a

⁸Ibid.p.112.

⁹Cf. HABERMAS, op.cit., p.9.

¹⁰REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. 6.ed. São Paulo: Paulus, 2003. v.3. p. 864.

¹¹Cf. HABERMAS, op.cit., p.9.

¹²Ibid., p.9.

¹³Ibid., p.9.

¹⁴Ibid., p.9.

oportunidade de colocar a sua visão de forma argumentativa e racional. Comenta Steven Connor que:

"a heterogeneidade dos interesses humanos é exatamente o que torna mais necessária e desejável a orientação para o consenso, não com o fito de anular essa heterogeneidade, mas com o objetivo de preservá-la"¹⁶.

Fica valendo deste modo, o melhor argumento, aquele que abarcou os interesses de todos. Dirá Habermas que:

[...] os discursos são como máquinas de lavar: filtram aquilo que é racionalmente aceitável por todos. Separam as crenças questionáveis e desqualificadas daquelas que, por um certo tempo, recebem licença para voltar ao status de conhecimento não-problemático¹⁷.

Entretanto, nem sempre isso acontecerá ou será impossível. Neste caso, caberá uns aceitarem os pontos de vista dos outros. Habermas citando Piaget dirá que isso é uma "descentralização da compreensão egocêntrica e etnocêntrica que cada qual tem de si mesmo e do mundo"¹⁸. Tal aceitabilidade racional não é uma renúncia da vontade própria, mas sim a demonstração de uma verdade propositiva, sem parcialidade. Habermas chama este discurso prático de "uma nova forma específica do Imperativo Categórico"¹⁹.

É certo que a participação em uma ética discursiva implica muito mais na responsabilidade em ser coerente do que em meramente expor argumentações: "A verdade dos enunciados está vinculada em última análise à intenção

¹⁵Cf. HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p.86.

¹⁶Cf. CONNOR, op. cit., p.113.

¹⁷Cf. HABERMAS, op.cit., p.63.

¹⁸Ibid., p.10.

¹⁹Ibid., p.10.

de uma vida boa e verdadeira"²⁰. A ética do discurso não deixa de ser uma aprovação do "eu". Entretanto, as ações morais são decididas em conjunto, de forma racional e aceita por todos livremente. Habermas diz que: "cada participante individual seja livre, no sentido de ser dotado da autoridade epistêmica da primeira pessoa, para dizer 'sim' ou 'não' "²¹.

Uma das grandes características que podemos destacar da ética discursiva de Habermas é a sua forte implicação e prática, bem como a pouca abstração. De igual modo, percebe-se nesta não um dogmatismo racionalista, mas uma pluralidade ética. Comenta Richard Wolin que "só uma abordagem 'formalista' da ética como a de Habermas pode ser realmente pluralista, visto que ela de modo algum tenta prejudicar o conteúdo das decisões a que se termine por chegar"²².

Como um seguidor das idéias da Escola de Frankfurt e crítico da razão Moderna, Habermas com a ética do discurso faz uma reabilitação do uso da racionalidade, esta usada até então como instrumento de dominação ideológica, através da ciência e da técnica²³. Oliveira argumenta:

[...] a ética do discurso entende-se como tentativa de repensar a racionalidade do ético numa civilização profundamente marcada pela racionalidade própria às ciências modernas, ou seja, ela se compreende como a ética que se tornou possível a partir da cientificação da vida humana²⁴.

Tal postura possibilita uma crítica da ciência, bem como a intersubjetividade destruída pela razão

²⁰Cf. nota 10 de CONNOR, op. cit., citado sem fonte em McCarthy, *The Critical Theory of Jürgen Habermas*, p.307.

²¹Cf. HABERMAS, op.cit., p.15-16.

²²Cf. Richard Wolin. In: CONNOR, op. cit., p.116. nota 11.

²³Cf. HABERMAS, Jürgen. *Ciência y técnica como "ideología"*. Madrid: Editorial Tecnos, 1984. 181p.

²⁴Cf. OLIVEIRA, Manfredo A. de. *A ética do discurso: K-O. Apel e J. Habermas*. In: _____. **Ética e racionalidade moderna**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1993. p.9.

instrumental²⁵. no entender de Pizzi:

[...] a racionalidade ético-comunicativa desmistifica e critica o agir do tipo instrumental, porque este reduz a consciência a uma razão prepotente e absolutizadora de verdades imutáveis e transformam a práxis em atividade de dominação da natureza que, em última instância, se transforma também em dominação política e econômica ²⁶.

A racionalidade ético-comunicativa proposta por Habermas como uma derivação da Teoria Crítica que a Escola de Frankfurt fez à racionalidade, torna-se um instrumento de transformação da razão instrumental. Aqui temos uma alternativa de mudança dos descaminhos que a racionalidade moderna tomou. Percebe-se que Habermas acredita no projeto moderno. Todavia, é preciso fazer uma nova leitura deste. Fala-se de uma remissão da razão, onde esta agora é projetada numa dimensão histórico-temporal, objetiva e subjetiva, direcionada para a materialidade da sociedade. A razão seria aqui o instrumento de unificação da fragmentação moderna e ao mesmo tempo o ponto de equilíbrio da sociedade.

Nas obras de Habermas podemos perceber os descaminhos que a ciência tomou. Na ética discursiva e no agir comunicativo, Habermas vê a saída filosófica para essa situação posta pela ciência. Não se pretende aqui destruir a ciência, mas sim fazer uma nova leitura. Não apenas um diagnóstico da realidade, mas uma mudança no uso da linguagem, bem como a ascensão do sujeito e da coletividade. Para Habermas, a ciência reduziu a racionalidade, inibindo deste modo a comunicação humana. Jovino Pizzi diz que a ética do discurso "não é apenas uma denúncia contra a razão instrumental, mas a proposta de

²⁵A racionalidade moderna será objeto de crítica dos teóricos da Escola de Frankfurt, principalmente Horkheimer, Adorno, Marcuse e Habermas. O desvio que a contemporaneidade dá ao ideal Iluminista será chamado por esses filósofos de "razão instrumental".

²⁶Cf. PIZZI, op. cit., p.45.

uma ética do 'viver bem' entre indivíduos capazes de linguagem e ação"²⁷. Isso se torna assim uma atitude crítica frente à ideologia da sociedade. Tudo isso através da racionalidade, da linguagem e da argumentação.

A teoria habermasiana acerca da ética tem conotações profundas, pois visa de certo modo não direcionar o ser humano, mas lhe possibilitar o desenvolvimento de sua *autárquia*, bem como ampliar a sua capacidade de racionalidade cognitiva, fazendo assim com que os indivíduos possam entrar em acordo através da linguagem, sem coação. É uma "auto-certificação" do pensamento moderno e do homem. No entender de Pizzi:

[...] a idéia de Habermas é elaborar uma estrutura, na qual os conceitos de mundo vivido e a teoria da sociedade possa dar um sentido comum aos sujeitos comunicativos, preservando simultaneamente a identidade e a não-identidade do eu e do outro numa comunidade intersubjetiva²⁸.

É uma união de culturas, união de agir e o pensar e união de teoria e prática.

Certamente a questão da ética é um problema mundial, pois é algo que afeta a vida das pessoas e o meio-ambiente. Contudo, Habermas aposta no paradigma da comunicação. Beno comentando a ética do discurso dirá a respeito de Habermas que:

[...] ele sugere simplesmente que, se tivermos a pretensão de fundamentar uma ética adequada ao nosso tempo, temos que mudar o paradigma da utopia. Não podemos mais inspirar-nos na utopia do trabalho, mas podemos apostar na utopia da comunicação²⁹.

²⁷Ibid., p.35.

²⁸Ibid., p.45.

²⁹Cf. SIEBENEICHLER, Flávio Beno. A teoria moral de Jürgen Habermas. In: **Boletim de Filosofia**, Rio de Janeiro, n. 5, p.10-19, set. 1988.

JÜRGEN HABERMAS' ETHICS OF DISCOURSE

ABSTRACT

Jürgen Habermas' ethics of discourse. It is approached the origin of ethics of discourse as well as the difference between Habermas and Apel. It is emphasized the new configuration of rationality in kantian model. It is characterized ethics from communication paradigm and its intersubjective dimension. Likewise, it is expressed the criticism to the modern project and to the instrumental rationality.

Key-words: Ethics. Discourse. Communication. Intersubjectivity. Instrumental Reason.

REFERÊNCIAS

CONNOR, Steven. **Teoria e valor cultural**. São Paulo: Loyola, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **A ética da discursão e a questão da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Comentários à ética do discurso**. Tradução: Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. **Consciência moral e agir comunicativo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. A ética do discurso: K-O. Apel e J. Habermas. In:____. **Ética e racionalidade moderna**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1993.

PIZZI, Jovino. **Ética do discurso**: a racionalidade ético-comunicativa. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. 6.ed. São Paulo: Paulus, 2003. v.3.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. A teoria moral de Jürgen Habermas. In: **Boletim de Filosofia**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 10-19, set.1988.

TUGENDHAT, Ernest. **Lições sobre ética**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.